

Cartas:

*Ass. Caio F.*

Entre Abril e Maio, de quando os plátanos estão amarelados

Por: Sarah Heloisa

MARICONI, Ítalo. ***Caio Fernando Abreu: cartas.***  
Aeroplano: Rio de Janeiro, 2002

Edição  
Sarah Heloisa

Capa  
Sarah Heloisa

Revisão  
REVISÃO INICIAL  
Carolina Moreira



Folha de Plátano

Não escrevo português. Escrevo eu mesmo.

Fernando Pessoa

Escrevo-vos uma longa carta porque não tenho tempo de a escrever breve.

Voltaire

### **Agradecimentos especiais**

Á experiência de mergulhar no mundo editorial

Á Camila Campos, por me apresentar as cartas de Caio F.

## Índice

Prefácio.....	7
Carta 1: para Jacqueline Cantore .....	9
"... às vezes o que parece um descaminho na verdade é um caminho inaparente que conduz a outro caminho melhor..."	
Carta 2: para Charles Kiefer .....	14
"... Se quieres ser feliz como me dices/ no analices, ah no, no analices..."	
Carta 3: para Nair de Abreu .....	17
"... família é uma coisa que a gente passa muito tempo negando até perceber não só que não deve negar como também é ótimo..."	
Carta 4: para Luciano Alabarse.....	20
"... Amigos cintilam em volta, estendem a mão na hora certa. Você vai se enriquecendo em fé..."	

Carta 5: para Vera Artoun ..... 22

"... Nada é errado, quando o erro faz parte de uma procura ou de um processo de conhecimento..."

Carta 6: para Luiz Fernando Emediato ..... 26

"... Meu irmão, a gente tem que descobrir maneiras — sejam quais forem — de ficarmos fortes..."

Carta 7: para Suzana Saldanha ..... 29

"... Continuando. Resistimos, aos trancos, já nem sei se foi escolha ou solavanco..."

Carta 8: para José Marcio Penido ..... 32

"... Quem procura não acha. É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada..."

Carta 9: para Luciano Alabarse ..... 38

"... Os caminhos são individuais/intransferíveis..."

Carta 10: para Adelaide Amaral ..... 41

"... quando se está de braços abertos, se está dando as costas para a morte..."

## Prefácio

Para o meu leitor

Belo Horizonte, 25 de Maio de 2017

Leitor,

esta coletânea de cartas nasceu de um trabalho de faculdade... Estava eu aprendendo os tais dos paratextos editoriais e me vi logo “editando”.

A proposta do professor era de que escolhêssemos um texto para colocar os paratextos convenientes. E sem idéias para textos poéticos encontrei as cartas desse jornalista, dramaturgo e escritor que muito me admira!

Foi bem assim, por acaso, que li a primeira correspondência de Caio. Estava no pósfacio de Morangos mofados da Coleção Saraiva de bolso uma carta inspiradora ass. Caio F.

Me apaixonei!!

Curiosa que sou, fui procurar mais cartas, mais de Caio, mais intimidade com esse “expoente da geração”.

E achei!!

Achei o livro *Cartas – Caio Fernando Abreu* – organização Ítalo Moriconi, com demasiadas cartas apresentando a vida e a intimidade de um autor que gostava bastante de se corresponder.

Tive o prazer de adentrar no cotidiano de Caio, de ficar mais próxima, de entender seus altos e baixos... Tive

vontade de dar-lhe conselhos. Lhe imaginei escrevendo, graças as suas descrições sobre os dias e os lugares em que estava. Foi uma experiência incrível, ao qual proponho a vocês nessa coletânea.

Com dificuldade cheguei a uma seleção de 10 cartas e optei por escolher aquelas em que Caio transmitisse algo para a vida. De modo que ao ler, talvez você encontre algo para si, como eu, nessas cartas, encontrei para mim.

A ordem da leitura, não vai interferir em nada, pois não se trata da história da vida de Caio e sim das lições que se tira das cartas, cada uma com um exemplo de “esportiva” que ele mandava a seus correspondentes e que por sorte, podemos, por meio desta coletânea, nos apropriar.

Aproveite este meu trabalho como uma oportunidade, caro Leitor!

Ass.

Sarah H.

PS.: E de tanto Caio que li, cito Caio para me despedir:

*“Porque aprendi, que a vida, apesar de bruta, é meio mágica.*

*Dá sempre pra tirar um coelho da cartola.”*

*“PS- (Adoro PSs: às vezes o OS é tudo numa carta)”*



## Carta 1

Hoje é meu dia de sorte, estou respirando, viva!  
Estou andando, viva a saúde, estou pensando,  
viva a inteligência, estou vivendo, viva a vida!  
Silvia Aparecida Maia

Carta para Jacqueline Cantore

Sampa, 24 de junho de 1981.

Viva São João, viva Xangô, viva a refazenda, viva qualquer coisa!

Jacqueline,

Finalmente ontem consegui enviar (para o endereço de Yedda) uma carta que era também para você, uma carta fria e meio boba, além de atrasada no mínimo uma semana. Houve um acúmulo de produções, não há correio por perto e, enfim, os dias foram se passando. Hoje é um dia bonito. Ontem também foi. Acordei cedo, dei uma volta lenta pela Lorena, Consolação, Oscar Freire. Comprei duas coisas que tinha vontade de ter, fazia tempo: uma garrafa térmica (tomo muito café, e já estava cansado daquele negócio de subir/descer escada toda hora) e uma sandália chinesa, daquelas cheias de bolinhas de plástico que massageiam os pés (e os órgãos internos) enquanto você caminha. Procurei inutilmente uma vela branca de sete dias

pra acender pra São João, não encontrei, comprei azul, ele deve gostar também. Trouxe um pacotinho de incenso, outro de gin-seng. De uma papelaria (uma das minhas fantasias é ser, um dia, dono de uma papelaria que se chamaria “Virginia Woolf”, onde seriam vendidos principalmente aqueles pesos de papel de cristal — naturalmente que iria à falência em menos de um mês), trouxe dois bloquinhos para recados telefônicos, já tinha dois, nem há tantos recados assim, mas são tão bonitos. A foto de Lidinha com as crianças vai para a porta-galeria, onde estão as caras de alguns amigos, de alguns tempos, de velhos e novos carnavais. Fica logo na entrada: você entra e, de cara, já sente aquele astral de amizade bonita. A propósito: você manda uma fotografia sua e pede pra Yedda mandar uma também, para a mesma porta?

Mandamos pintar a frente da casa. Enquanto escrevo aqui, num canto de meu quarto, atrás dos vidros da janela o pintor raspa raspa raspa as paredes. Acordei hoje cedo com uma coisa lixando a minha cabeça. Fiquei uns cinco minutos sem entender: eram os pintores. Em geral coloco o rádio para despertar às 8h45m, para assistir ao Bolinha na TV-Mulher, mas ontem fui estendendo e estendendo e estendendo a noite, acabei dormindo quase às quatro, depois de assistir na TV My fair lady, na verdade só pra ver Audrey Hepburn (azul, azul, era uma mulher inteiramente azul, azul clarinho, quase transparente, azul de água clara com pedrinhas no fundo) e ler quase inteiro o jornal de classificados que tem aqui chamado Primeira Mão.

Foi um dia tão bonito ontem, já disse isso, mas repito: foi um dia tão bonito ontem. Precisei ir na Abril, à tarde, entregar umas matérias, e de repente chegando lá me deu uma CERTEZA muito forte de que tinha sido ótimo pedir demissão, que eu realmente não suportava mais os carpetes verdes, os tetos pretos, as caras — principalmente as caras, ai as caras cinzas. Revi pessoas que eu gosto, nem são muitas, na verdade só Maria Adelaide Amaral (pequenina, feiticeira) e Juan, meu amigo uruguaio. Depois fui visitar Zé Márcio Penido, imobilizado durante 10 dias, com um negócio chamado “lombalgia aguda”, segundo o médico por falta de movimentos, de exercícios. Zé passa a vida sentado, fumando muitos hollywoods e bebendo vodka com coca-cola. Falei pra ele que o bode de corpo era um toque, você precisa cuidar bem do seu barco, senão como vai navegar por aí? Saí para a aula de dança quase de tardezinha, ô Jacqueline, como São Paulo pode ser bonito às vezes, com uns crepúsculos cor de pêssego querendo amadurecer, demoradíssimos, tão lentos quanto um acorde de Erik Satie. Dancei, dancei: eu estava tão claro que algumas pessoas que nunca tinham falado comigo vieram conversar. Eu estava entendendo tanto todas as coisas, e tudo principalmente que é de dentro das pessoas — assim como uma piedade amorosa, uma piedade cúmplice e também parceira de pequenas dores (ou grandes talvez), procuras, tentativas, quedas, quebras. Raramente saio à noite, praticamente nunca vou a lançamentos literários: —

tenho medo e desgosto do astral competitivo, fofoqueiro. Mas tinha ontem duas pessoas que gosto muito: Márcia Denser, lançando *O animal dos motéis* (você ficou assustada com o título? a Márcia é assim, meio atrevida, mas no fundo uma Luluzinha querendo fingir de Messalina — como me dirijo mais à Luluzinha e ignoro as messalinices dela, costumo dizer que temos um relacionamento muito especial). Aí conheci sabe quem? Cassan-dra-Ri-os. Fiquei paralisado. Afinal, é um mito. Nada de casacos de couro, pulseiras grossas ou correntes: traços muito bonitos, um nariz fino, uma testa ampla, uma voz baixa, mansa. Não consegui dizer nada além de um besta “muito prazer”. Aí fiquei olhando as figuras: Marcos Rey, parecendo uma daquelas figuras fellinianas do *Satyricon*, Raduan Nassar, um iraquiano traficando petróleo (ou urânio?), Olga Savary com seus longos vestidos indianos, Massao Ohno, o editor chinês com jeito de traficante de ópio. Tudo, todos, estranhamente obsoletos. Carlos Emílio Correia Lima, irônico e agressivo desde que escrevi uma resenha criticando um romance dele chamado *A cachoeira das eras*. Perguntou “como vai o conde?”, respondi “agora ganhei um título de marquês” e fiquei exausto de ter que segurar esse tipo de astral. Foi então que apareceu uma cara muito limpa e disse “vi sua fotografia na fazenda de Hilda Hilst”. Ficamos sorrindo um pro outro no meio daquela bobagem. Aí ele disse que era poeta e me deu o livro dele, chama-se *Quem se debate é afogado*. Escreveu assim:

“para o Caio, por esse brinco de calypso no convés da sua caravela/ saludos del Mar/ R./ hora de tudo”.

Abri o livro à toa, e encontrei um poema assim:

“eu sou a pedra vermelha na víscera do caranguejo procurando a maré alta do dia no dente do chocolate o espelho denso girando em seu quarto de sol o beijo escorrendo na boca do mar miles davis ecoando no ventre da caverna”

Foi então que comecei a me apaixonar violenta, profunda e imediatamente. Eu não podia suportar ninguém em volta suportaria. Comecei a não saber onde colocar nem os olhos, nem as mãos, nem os pés, falei “desculpa, tenho que ir, não me sinto bem nesses lugares”. E quando vi já estava na rua fria, caminhando sobre um viaduto enorme, onde não passavam táxis. Eu tinha deixado a moto em casa (está até com os faróis queimados) e já tinha sido assaltado, há um ano, num lugar muito próximo dali. Uma paranóia leve pairou, mas segurei a guia de Ogum (era terça-feira) e fui em frente. Um táxi, outra livraria, o lançamento de *Horácio*, quentão e pipoca. Ignácio de Loyola, um beijo carinhoso. Juan, meu amigo uruguaio escondido atrás de Gê, [...] que se eriça toda quando alguém se aproxima dele. De repente encontrei Kátia Adamo, magra, alta, triste, escorpião de ascendente escorpião, mas surpreendentemente doce, e uma amiga dela apaixonada por Audrey Hepburn, ficamos horas

falando, sustentei que Audrey era belga, ela que Audrey era holandesa, depois chegaram Tania e Paulo Afonso, com quem morei na Europa, o tempo foi andando e uma porção de lembranças antigas foi tomando corpo ali no meio da rua Pinheiros.

Véspera de São João, e a minha cabeça deu uma volta até as fogueiras que nós fazíamos em Santiago do Boqueirão, eu, Nairzinha, minha irmã de criação, Beco, meu primo, o negrinho Jorge, afilhado de minha mãe, meu irmão Gringo, os vizinhos Iso e Marilusa, que eram desbocados e me contaram tudo sobre como os bebês nasciam, minha mãe só permitia que a gente andasse com eles em ocasiões especiais como essa, e Altamir, da casa branca em frente, e Jacira e Celanira, as gêmeas da esquina em frente, e Rubens, filho de dona Tuta.

Nairzinha todo ano dizia que tinha uma sorte forte que era olhar no poço meia-noite com uma vela na mão. Se você visse na água lá embaixo um vestido de noiva, era casamento; um caixão de defunto, morte, e assim por diante. Ninguém tinha coragem de fazer essa sorte. Mas a gente pingava vinte e um pingos de vela numa bacia para formar a inicial do nome da pessoa com quem você ia casar, e colava papezinhos nas bordas da bacia com nomes das namoradas e soltava um barquinho pra ver onde ele ia aportar, e pingava tinta em papezinhos dobrados, deixava no sereno pra abrir na manhã seguinte, e pulava a fogueira três vezes, fazendo três pedidos, eu

sempre pedia pra morar na Suécia um dia, todo mundo achava um absurdo, mas acabei morando.

A perda foi ficando tão pesada, Jacqueline, que fui comer um sanduíche no Posto 6 e vim embora. Antes de dormir, anotei no diário, em letras bem grandes, SAUDADES DE AUDREY HEPBURN.

Pausa. Orlando ligou, não vem almoçar, que eu escolha a cor da casa: um amarelo bem fraquinho, quase branco. Se tenho convite para festa dos sete anos da Status, hoje à noite. Não tenho. CBS ligando do Rio: Deus, o release do Thadeu Matias, tinha esquecido. Fica pronto amanhã? Fica, esta é uma tarefa para o SuperCaio. Thadeu fala um pouco: se vou ao Rio assisti-lo cantar no MPB da Globo dia 10 de julho. Vou. Assista aí: a música tem um refrão assim:

“Ai essa geração

não pode viver não sem amor

sem saber de coração”

Tenho amigos tão bonitos. Ninguém suspeita, mas sou uma pessoa muito rica.

O release me espera. Queria escrever mais, mas já exagerei. Vou ver se consigo colocar no correio amanhã. Hoje de manhã chegou uma carta da Yedda.

Ela também fala no amigo de vocês que careteou. Deixa ele: às vezes o que parece um descaminho na verdade é

um caminho inaparente que conduz a outro caminho  
melhor.

As vezes não.

O que a gente pode fazer é dar crédito ou não à pessoa.  
Freqüentemente não vale a pena. Freqüentemente, vale.  
Leio no jornal que Deu pra ti anos-70 estréia hoje à noite  
aqui. Quero muito ver.

Um beijo para Yedda. Outro pra você. Por favor, me mande  
da próxima vez uma folha de plátano bem amarelada, da  
Redenção. Aqui não tem plátano.

## Carta 2

“Você vai descobrir mais cedo ou mais tarde que o tempo pra ser feliz é curto, e cada instante que vai embora não volta mais.”

Arnaldo Jabor

Carta para Charles Kiefer

Sampa, 14 de abril de 1983

Charles,

tua carta foi tão bonita, e eu não respondi logo. Perdoe: é que eu tinha escrito essa resenha pra IstoÉ (há MESES) e estava esperando que saísse. Saiu agora, com alguns cortes por falta de espaço, aquelas coisas de imprensa — mas fiquei contente, e espero que você tenha gostado. Já havia saído, no Jornal da Tarde, uma crítica muito elogiosa ao teu livro, escrita pela Marisa Lajolo, imagino que você tenha visto. Fiquei meio puto, porque queria ter tido a honra de ter sido o primeiro a falar no seu trabalho aqui nestas poluídas bandas. O Geraldo da IstoÉ marcou, o JT se adiantou, mas tudo bem. Eu tô meio agitado, aqui, de mudança para o Rio de Janeiro. Faz tempo tenho problemas com Sampa — barulhenta, pouco saudável, solitária, amarga.

Agora decidi. Não dá mais. Há uns seis meses praticamente não saio de casa, detesto tudo, perdi o

contato com as pessoas, fico vivendo uma vida toda pra dentro, lendo, escrevendo, ouvindo música o tempo todo. Daí, então, vou em busca de um pouco de Sol (em todos os sentidos). Faz tempo que me mexo sem parar. No momento, estou reduzindo tudo que tenho (uma casinha cheia de coisas, coisas inúteis, mas gosto delas) a no máximo duas malas. No Rio, vou ficar provisoriamente num hotel, em Santa Teresa, um lugar antigo, tranquilo, com um jardim e longos corredores coloniais. Já fiz 10 mil fantasias literárias, claro. Não sei se fico lá nem o que vai acontecer. É esquisito, mas sempre orientei minha vida nesse sentido — o de não ter laços, o da independência, de poder cair fora na hora que quisesse —, e agora que ficou tão nítido, aos 34 anos, que realmente consegui isso, fico meio..., desamparado, acho que a palavra é essa. Devia ter inventado outra coisa? Teria sido possível? E que outra coisa seria? Não sei. Estou ouvindo Milton Nascimento que neste momento exato acabou de me dar a resposta:

“Se quieres ser feliz como me dices/ no analices, ah no, no analices...”

Andei escrevendo bastante. De repente, acho que está saindo um livro novo. Sabe que tenho MEDO de escrever? Evito sempre que posso. Dá uma grande exaustão, depois. Uma exaustão agradável, mas a cabeça fica excitada demais, é qualquer coisa muito próxima da loucura. Mas nos últimos tempos não tenho conseguido evitar. Vai saindo. É meio assustador.

Passei os últimos meses envolvido com uma pequena novela, *O marinheiro*, tão desesperadamente solitária e tão alucinadamente onírica que eu tinha medo de não voltar cada vez que mergulhava nela. Acho que está pronta. Peguei pânico de máquina e, há poucos dias, voltei.

E você, como vai? Detesto perguntar “tem escrito?”. Soa sempre como cobrança, e quem faz esse tipo de cobrança geralmente não sabe que a cabeça de um escritor é louca demais para que se possa responder “sim” ou “não”. Mesmo que não se esteja escrevendo realmente, a gente sempre está escrevendo por dentro. Mas eu tenho, anyway, vontade de ler outras coisas suas. Imagino que depois do *Caminhando na chuva deve vir muito mais*.

Olha, quando eu tiver um endereço fixo no Rio, te mando. Gosto muito de cartas (tanto quanto detesto telefone) e, se você gostar também, a gente pode quem sabe trocar coisas. Estou aqui, ainda, até o dia 30 de abril. Se até lá, você quiser me escrever, mande pra cá. Meu tempo no hotel deve ser provisórios, mas não posso prever.

Parando agora um pouco, me deu uma saudade grande de Porto Alegre que fica linda em abril, maio. Os plátanos da Redenção já começaram a amarelar e a perder as folhas? Acho que não, é muito cedo. Outro dia descobri três plátanos aqui, em Higienópolis, devem ser os únicos da cidade. É meio inconcebível uma cidade sem plátanos.

Tenho uma vontade besta de voltar, às vezes. Mas é uma vontade semelhante à de não ter crescido.

É isto, então. Qualquer coisa que você precisar destas bandas de cá, estou às suas ordens. Cuide-se bem. Um abraço do seu amigo

Caio



### Carta 3

“Queremos um lugar ao sol - é normal,  
meu rapaz; então faz o sol em vez de  
tentar ganhar o lugar.”  
Jean Giono

Carta para Nair de Abreu

Rio, 15 de setembro de 1983

Querida mãe,

deu vontade, de repente, de escrever para a senhora. São quase seis horas da tarde, o sol começou a se pôr bem aqui em frente à minha janela. Foi um dia muito bonito, a primavera está mesmo no ar. Fiquei no sol o dia todo, agora há pouco tomei banho, fiz um mate, e dei mais um jeito no quarto, com as outras coisas que vieram de São Paulo. Está ótimo, parece uma casinha.

Voltar foi um pouco difícil, principalmente depois de todo o carinho que recebi aí. Coisa estranha, família é uma coisa que a gente passa muito tempo negando até perceber não só que não deve negar como também é ótimo. Descobri vocês todos desta vez. E acho que tenho a melhor família do mundo.

Estou um pouco preocupado com Cláudia. Pelas contas, hoje devia ser o grande dia. Prometa que me liga assim que o bebê nascer, contando tudo. E veja se anota o

minuto exato do nascimento para que eu e Jacqueline possamos fazer o mapa astral. Diga a Cláudia que tudo vai dar certo, tenho rezado por ela, para que seja corajosa e tudo corra bem.

Comigo as coisas estão indo bem. Terça passei na editora para ver a capa do novo livro. Fiquei chocado, é bonita, mas meio terrível: uma cidade enorme e meio vazia, como depois de uma explosão nuclear, com um céu escuro, dramático, meio apocalíptico por cima. E um dia nascendo. Os editores estão acreditando muito, espero que dê certo. Acho que é meu melhor livro, mas é também o mais terrível — porque é preciso falar claramente sobre certas coisas, é preciso alertar as pessoas para as vidas erradas que levam, a alimentação errada, as emoções erradas, os relacionamentos errados. Não quero ser dono da verdade, mas aprendi algumas coisas nesses anos — pode parecer ambicioso, mas de repente gostaria de ajudar a transformar este mundo numa coisa melhor. Para isso, tento ficar bem: hoje nadei muito, fiz muito exercício na beira da piscina. Porque se o corpo estiver sadio, a mente e o espírito também estarão.

Dia do meu aniversário choveu muito, e fiquei só o dia inteiro. Foi um pouco triste. Depois melhorou, à noite vieram Jacqueline, Cacaia e Graça (que está indo para os Estados Unidos passar um mês, e muito bem, perguntou pela senhora).

Chegou uma cartinha de vovó Zaira, tia Florinha e tia Vilma telegrafaram. Depois ligou a Lulu, a senhora e o Ivan. Sobre o Ivan, queria pedir à senhora uma coisa: ele está com uma inflamação grave nos ouvidos e na garganta, precisa fazer uma operação na segunda-feira. Por favor, telefone à mãe dele (chama-se Dona Glacy) para saber como ele está — o telefone é 33-65-48.

Tenho um altazinho no meu quarto, e coloquei perto do Anjo da Guarda aquela foto da comunhão minha e do Gringo. Peço sempre por ele.[...]

Espero que a Marlene continue aí, ajudando a senhora nessa medonha trabalhadeira. Espero também que o pai esteja bem de saúde, e menos preocupado. Diga ao Felipe para não desistir da idéia de retomar o curso de História. Que a Márcia, Cláudia, Clésio e Jorge estejam bem. Um abraço para todos. Quando tiver tempos me escreva um bilhetinho. Gosto muito das suas cartas. Por favor, cuide-se. E receba um grande beijo do seu filho

Caio

PS - Se a sra. encontrar a Dominga diga a ela que estou escrevendo a apresentação do livro novo da Tania — mas que não conte a ela porque é surpresa.

PS - Acabei de receber o seu telefonema. Estou muito feliz.  
Viva o Rodrigo!

## Carta 4

Carta para Luciano Alabarse

Sampa, 28 de maio/84.

Luciano, querido,

foram muitas correrias, não deu pra gente se ver nem falar direito. Pena. Mas there will be time, there will be time. Cheguei quarta de Porto, na quinta fui para Piracicaba (foi ótimo), voltei sexta e ontem, domingo, mudei.

A casa — bem, a casa é ótima! Simpaticíssima e grande tem dois quartos aqui dentro, mais dois lá fora e — pasme — uma roseira no pátio. Ricardo Blat vem amanhã do Rio para tratarmos das coisas objetivas, aluguel, contas.

Eu meio perdido em relação às coisas tipo cai-na-real, mas com uma certeza boa & inabalável que tudo- tudo-vai-dar-pé.

E vai. Minha sinopse foi aprovada por Bruna/Ricceili/Guga, virou préroteiro para talvez inaugurar a série. Hoje tem reunião e, a partir do dia 10, já começamos a receber. Estou ainda na função de desarrumar malas e arrumar cantinhos, não tive tempo para pôr no papel as histórias para Regina. Mas vai sair.

Hoje é o primeiro dia que fico só em cerca de 20 dias. Tenho aprendido coisas que ainda estão vagas dentro de mim, mal comecei a elaborá-las. São coisas mais adultas, acho. Tem sido bom. Amigos cintilam em volta, estendem a mão na hora certa. Você vai se enriquecendo em fé.

Carta rapidinha & dispersa. Estou a postos para a estréia de Reunião — dia 13 tenho que estar em Londrina para uma palestra, dia 14 estarei aí, morto de saudade & curiosidade.

A cidade está inacreditavelmente cheia de shows e filmes e peças — tem de Alberta Hunter a Arrigo Barnabé, passando por Caetano, Nana, Marina e até Belchior (de volta: Tania Faillace gostaria). Fui ver Christine, a história do automóvel tarado, e adorei. Vi Purgatório, do Mário Prata, mas é abobrinha demais.

Pessoal dos Morangos entusiasmado: pintou \$ para a produção e já estão fazendo ensaios corridos. Amanhã começo a acompanhá-los.

Venha quando quiser, ligue, chame, escreva — tem espaço na casa e no coração, só não se perca de mim. Vai a nova direção, votos de bons ensaios e um grande beijo do seu

Caio F.

PS — Beijo no Ernesto

## Carta 5

“Ninguém dentro de si mesma poderia ter os pensamentos mais desligados da realidade, se quisesse. Se eu me visse na terra lá das estrelas ficaria só de mim.”  
Clarice Lispector

Carta para Vera Antoun

Porto Alegre, 21 de março de 1972.

Verinha querida;

escrevi para você e Henrique há muito tempo, em dezembro. Não recebi nenhuma resposta, fiquei grilado com o silêncio, achando que vocês não me queriam mais ou, na melhor das hipóteses que o correio havia extraviado a minha carta.

De qualquer jeito, era uma carta muito besta, falsa e descolorida — eu estava atravessando uma fase muito ruim, me sentia exilado aqui em Porto Alegre, vazio, sem nada pra dizer, a não ser que gostava imensamente de vocês dois e não queria perdê-los.

Talvez fosse um pedido de socorro envergonhado. O socorro não veio, nem de vocês nem de ninguém, e fui obrigado a me investigar e afundar em mim mesmo durante todo esse tempo, no começo assim como quem cava um poço no deserto, depois, aos poucos, sentindo a areia mais

úmida, uns filetes d'água brotando lentamente, até agora, quando me sinto na iminência de mergulhar o corpo nesse lago (talvez mar)-eu-os outros-cosmos, não sei.

Eu ia te escrever qualquer dia, eu tinha — e tenho — um monte de coisas pra te dizer, aquelas coisas que a gente cala quando está perto porque acha que as vibrações do corpo bastam, ou por medo, não sei. Mas as coisas todas, externo/interno, eram muito difíceis e escuras, eu não tinha condições de mostrar ou dar nada a ninguém que não fosse também escuro, compreende? Eu não queria, eu não quero dar trevas, dor, medo, solidão — eu quero dar e ser luz, calor, amparo (naquela cerimônia do chá em Sta. Teresa eu disse que queria ser ombro, você disse que queria ser um ovo — será que um ovo pode se apoiar num ombro sem quebrar?).

A noite passada sonhei com você, e acordei hoje todo cheio de Verinha, você sentada comigo na frente do Conservatório, você na praia, você de branco, você sorrindo e apertando os olhos, você de tantos jeitos que eu não tinha outra solução senão sentar e escrever, embora com medo de não poder, de não saber, quando a gente segura um vidro a gente tem medo de quebrá-lo. Sobre o sonho não falo, talvez você achasse ridículo, mas era bonito.

Passei coisas difíceis. Fui demitido da Bloch e estive preso por porte de drogas. Depois disso, voltei para cá e, durante

algum tempo, mergulhei numa série de viagens lisérgicas, de onde saí mais confuso do que nunca. Perdi minha identidade, me desconheci. Passei um mês inteiro trancado no quarto, sentindo dor. Não exatamente sentindo, mas sendo dor, sem falar com ninguém, sem pensar nada, sem fazer nada. Passei janeiro na praia, com meus pais e meus irmãos, e em fevereiro fomos pra Itaqui, uma cidadezinha na fronteira com a Argentina onde moram meus avós e tios. Acho que foi um pouco o ter voltado a encontrar a paisagem da minha infância que me fez reencontrar também comigo mesmo, voltar a abrir os olhos e não fugir mais.

Toda aquela terra, as cadeiras na calçada e as pessoas olhando o céu, sabendo da natureza, as ruazinhas estreitas, as casas velhas, a ausência de televisão, de automóveis, de civilização — tudo isso faz parte do mais fundo de mim, onde comecei, onde estou plantado. A vontade compulsiva de me atordoar cedeu lugar à vontade de ser simples, ser terra (como Jorge de Lima: “Nunca fui senão uma coisa híbrida/ metade céu, metade terra com a luz de MiraCeli dentro dos olhos”) e quando voltamos para Porto Alegre, eu já estava em pleno processo de regeneração.

Estou fazendo análise, ontem tive a primeira sessão. Não é análise tradicional: o paciente esticado no divã e o analista remexendo a cuca com seu bisturi-freudiano-kleiniano-enferrujado. O método de um alemão Schultz (o papa

germânico da psicanálise), fundamentado na auto-hipnose, concentração, relaxamento, meditação, auto-análise — baseado nas filosofias orientais, ioga, zenbudismo, tao.

O paciente aprende a dominar seu corpo e sua mente e, no último estágio, alcança uma grande paz ou conhecimento (espécie de nirvana ou satori), encontra dentro de si reservas de criatividade e pode orientar-se para qualquer objetivo, auto-estimulando-se. Os exercícios de concentração, como a ioga, podem levar a ter visões de cores, paisagens paradisíacas, essas coisas. E tudo isso acaba com a ansiedade, a angústia, a insegurança. Vai ser bom e vou conseguir.

Depois das viagens, estive quase paranóico. Vi monstros horrendos nas pessoas, me senti perseguido e encurralado, aí me tranquei em casa e, cada vez que saía, era um suplício — voltavam as ondas do sunshine e eu achava que as pessoas iam me morder, rir de mim, um inferno.

Quando melhorei um pouco, tentei sair e procurar alguns amigos, mas não consegui nenhuma integração com eles. Fiquei surpreendido com o grau de vampirização das pessoas: todas elas preocupadíssimas em falar, falar, falar, extrair opiniões, orientações, dicas, dizer coisas inteligentinhas, mostrarem que não são caretas, que não têm medo, que não sentem dor. Cada contato meu com alguma pessoa representava uma perda enorme de

energia vital: eu saía esgotado, confuso, com dor de cabeça e, principalmente, com dor por não poder fazer nada pelo desespero alheio.

A minha própria miséria aumentava.

Foi aí que a solidão deixou de ser involuntária para se transformar em escolha. E foi bom, está sendo bom. Passo o dia lendo, ouvindo música, vendo velhos filmes na televisão, de vez em quando vou ao cinema ou saio para passear na beira do rio que passa atrás do edifício. Fico lá sentado numa pedra, fumando e pensando nas pessoas que perdi, senão em afeto, pelo menos em proximidade física. De vez em quando choro, é bom chorar, eu não tenho vergonha, mas em todos os momentos existe a certeza de ter feito uma escolha acertada, de estar caminhando em direção à luz. Não nego nada do que fiz, também não tenho arrependimentos ou mágoas: eu não poderia ter agido de outra maneira — mesmo em relação a você — levando em conta o quanto eu estava confuso naquela época.

Também já não tenho aquelas queixas infantis, na base do “tudo dá errado pra mim”, ou autopunições como “eu sou uma besta, faço tudo errado”. Nada é errado, quando o erro faz parte de uma procura ou de um processo de conhecimento.

Gosto de olhar as pedras e os desenhos do vento na superfície da água, gosto de sentir as modificações da luz



quando o sol está desaparecendo do outro lado do rio, gosto de sentir o dia se transformando em noite e em dia outra vez, gosto de olhar as crianças brincando no corredor de entrada e das palmeiras que existem no meio da minha rua — gosto de pensar que vou sempre ter olhos para gostar dessas coisas, e por mais sozinho ou triste que eu esteja vou ter sempre esse olhar sobre as coisas. Não sei muito, também não tenho muito, também não quero muito, mas estou aprendendo a respirar o ar das montanhas.

Verinha, eu te amei muito. Nunca disse, como você também não disse, mas acho que você soube. Pena que as grandes e as cucas confusas não saibam amar. Pena também que a gente se envergonhe de dizer, a gente não devia ter vergonha do que é bonito. Penso sempre que um dia a gente vai se encontrar de novo, e que então tudo vai ser mais claro, que não vai mais haver medo nem coisas falsas. Há uma porção de coisas minhas que você não sabe, e que precisaria saber para compreender todas as vezes que fugi de você e voltei e tornei a fugir. São coisas difíceis de serem contadas, mais difíceis talvez de serem compreendidas — se um dia a gente se encontrar de novo, em amor, eu direi delas, caso contrário não será preciso. Essas coisas não pedem resposta nem ressonância alguma em você: eu só queria que você soubesse do muito amor e ternura que eu tinha — e tenho — pra você. Acho que é bom a gente saber que existe desse jeito em alguém, como você existe em mim.

Queria saber de você e de Henrique, daqueles meninos que sem me conhecerem me levaram para a sua casa e se mostraram para mim. Vocês foram as melhores pessoas que encontrei no Rio, sabem disso? Por favor, me escrevam, é importante, um bilhete, um postal, qualquer coisa, de preferência uma carta gorda como uma cantora lírica, contando de tudo que vocês estão sendo e fazendo nessa cidade louca, linda e longe. Eu tô aqui, lendo Charles Reich e zen-budismo, sentindo saudade de vocês. Os taurinos e virginianos não devem se perder, Verinha.

Um grande beijo e saudade do

Caio

## Carta 6

“O segredo da força era a força, o segredo do amor era o amor – e a jóia do mundo é um pedaço opaco de coisa.”

Clarice Lispector

Carta para Luiz Fernando Emediato

Porto, 6.10.76

Emediato, amigo:

cheguei em casa do jornal e tinha uma coincidência curiosa e agradável — uma carta do Julio Cesar, outra do Pellegrini, outra sua. Julio Cesar tinha mandado um telegrama sobre a transação com o Pasquim: eu não acreditei e continuo não acreditando muito. Sou meio cético com essas coisas, talvez os deuses pasquinianos tenham dito que sim, com a intenção de enrolar-enrolar ad infinitum, como de costume. Mas como sou também paranóico e inseguro até as raias da demência (gosto muito desta palavra), espero que seja verdade. Principalmente porque merecemos, não é mesmo? Falando sério: seria muito bom (eu acho é que não estou querendo me entusiasmar muito, como tenho vontade, com medo de um desmentido). Deixa andar. Forças!

Sobre minha peça — tudo bem. Ela recebeu um dos prêmios de leitura do SNT de 1976; tem sete títulos: Pode

ser que seja só o leiteiro lá fora; Vamos fazer uma festa enquanto o dia não chega? Você tem certeza que são mesmo 10 para as sete? Uma visita ao fim do mundo; The Squatters; Luxúria seminua ou Yo no creo, pero... Ainda não foi lida, deve ser agora no fim do ano. Um grilo: eu pretendia encená-la o ano passado, já tinha teatro, data de estréia, equipe etc.: foi proibida, no todo ou em partes, pela Censura Federal. Para ser publicadas acho que tudo bem, não sei — mas para as leituras creio que haverá problemas.

Só não mando imediatamente porque não tenho nenhuma cópia, questão de apanhar uma com um amigo, em seguida. Mando logo, con mucho gusto.

Inéditos chegou aqui, sim, e está vendendo bem. Não sei os números ao certo, mas outro dia fui na Coletânea para um lançamento e, entre duas cachaças, perguntei como ia saindo: numa boa. A Paralelo deve ser lançada na próxima semana, mando pra você. Outra coisa: mande material, dê o toque pras pessoas, a gente tá a fim de gente de outros estados para não provincianizar muito.

Trabalho: hoje fiz — SOZINHO — DUAS páginas do jornal. Repórter, redator, copydesk, editor — só faltou mesmo a diagramação e a fotografia. Fui pra lá às 9 da matina, cheguei em casa quase 10 da noite. Ufa. Mas sabe que eu gosto? Acho ambiente de redação deliciosamente neurótico. E, sei lá, o contato obrigatório com a palavra,

todo santo dia, tá me fazendo escrever muito: saio de lá e venho pra casa escrever minhas próprias coisas. E tenho gostado dos resultados — estava bloqueado há uns seis meses. Também pintam coisas ótimas, como hoje, José Luiz Gomez, diretor de Mockinpott e Woyzeck, premiado no último festival de Cannes, como melhor ator. Contou que Georg Büchner, o autor de Woyzeck, escreveu um manifesto político, em linguagem bíblica, onde Deus criou os camponeses no quinto dia e os nobres e aristocratas no sexto. Dai foi e disse a estes: “Usai de todos os animais que cobrem a terra, inclusive os camponeses...”

Também fico cansado, vampirizado. Mas, talvez pela educação que recebi e toda aquela estória de “o-trabalho-dignifica-o-homem” ter ficado cravada muito fundo no meu subconsciente, no fundo da maior exaustão sempre descubro um prazerzinho. Que pode ser também masoquismo puro e simples, ou o fato de ter ficado sem trabalhar quase dois anos, e portanto estar desintoxicado e aproveitando as batalhas de agora para baixar do vôo louco que dei. Sei lá. Mas pinta seguido, uma fadiga um vermezinho roendo e fazendo perguntas como “pra-quê? pra-quê?”. Meu irmão, a gente tem que descobrir maneiras — sejam quais forem — de ficarmos fortes.

Paranóias de lado, é como um complô para que a gente mergulhe num fazer neurótico de coisas, ansiosamente, sem tempo para nós mesmos e as nossas ficções. Para que a gente desista, todos os dias. Você sabe que não

devemos, que não podemos e, principalmente, que não queremos. Eu não sei se um dia as coisas realmente mudarão, mas procuro em tudo que escrevo (que é o meu jeito de agir sobre o mundo), colaborar de alguma maneira para que essa mudança venha. E logo. Você sabe, estou saindo de um momento muito escuro, então tenho procurado não deixar que as minhas dores pessoais — do meu ponto de vista: enormes — interfiram no meu viver objetivo. As vezes afundo no trabalho e esqueço que gostaria/ poderia estar agora mesmo em Marrakesh, por exemplo. Mas prefiro pensar que vale a pena. Eu tenho que pensar que vale a pena.

Fiquei curioso com a sua autobiografia-reveladora-e-bandeirosa, amanhã mesmo vou comprar. O título do conto é lindo. Tenho um pôster velhíssimo de Marilyn Monroe aqui na porta do meu quarto, e agora mesmo olhei para a esquerda e vi os lábios úmidos abertos num sorriso infantil, drogado e sensual. Uma coisa: dos últimos contos que escrevi tem um que acho publicável — você sabe como ou quem eu poderia transar na Status? Gilberto Mansur? Mandar na carinha, me apresentando ou precisa pistolão, esses troços?

Minha intenção, também, era escrever um bilhete — foi saindo, saindo e veja quanto blá-blá-blá. Tudo bem, melhor assim. Teve um tempo que escrever UMA linha era uma barra.

Se nossa antologia sair mesmo provavelmente vai ter rebus no Rio, aí certamente nos conheceremos. Vai ser bom. Dê notícias também, mando a peça logo que apanhá-la e tirar uma boa cópia, revisada. Não se preocupe demais. Relaxe. Navegue. Qualquer coisa,prende o grito, chê.

Estamos por aqui.

Um abraço do seu

Caio.

## Carta 7

“Ser alegre é ser forte: a força é uma alavanca.”  
Guerra Junqueiro

Carta para Suzana Saldanha

Sampa, 9. 4. 79

Suzy, baby,

andei com vergonha docê... Veio aquela carta tão bonita, e eu sem nenhum tempo de responder, passei um fonograma, coisa tão fria, e fui curtindo essa vergonha de não ter tempo até pintar a carta do Isaías.

Bom, deixa eu ser objetivo primeiro (depois vêm as continuações): aí vai a declaração, devidamente assinada (fiquei com uma cópia para mim). Adorei a equipe — não conheço todo mundo, mas Elton, Carmem Leonora, Isaías, Samuel e Tânia, mais Léo: maravilha.

Fiquei pensando se o Juarez Farinon será um quase-loiro-de-olho-verde, que viveu um tempo no Peru? Seja como for, com cabeças como essas, o astral só pode ser o mais alto. Em princípio, estarei aí para assistir a estréia, mas me avisem de alguma modificação nas datas.

Suzy, fico chateado de não ter reescrito a canção final, como você pediu. Não deu mesmo. Ritmo de Sampa é o

seguinte. Andei trabalhando feito um cão, vezenquando acontecia de olhar pra minha mão e pensar “nossa, que unha grande & suja” — sabe o que era? Falta de tempo pra cortar. Uma corrida, dum lado pro outro, e eu me perguntando se tudo isso vale a pena. Sem tempo pra ler, pra escrever, pra visitar ninguém, pra olhar pro céu, um olho nos jornais, outro no coração das pessoas — e tudo tão rebentado (ou arrebetando)... Enquanto a bolha radioativa ameaça escapar do reator, o velhinho simpático do apartamento em frente abre o gás.

Na real, de verdade.

Enquanto o ayatollah fuzila homossexuais e obriga as mulheres a usarem véu, o Capitão Foguete morre de tuberculose e excesso de drogas, aos 29 anos. Dói de todos os lados, os de fora, os de dentro, de baixo e de cima, nenhuma saída, e você meio cego, meio tonto, só sabe que tem que continuar, meio sem esperança, as ilusões despedaçadas, o coração taquicárdico, língua seca, e continuando. Continuando. Resistimos, aos trancos, já nem sei se foi escolha ou solavanco. Difícil arrancar uma certa lucidez disso tudo. Mas sinto que o coração se depura (é tão antigo falar em coração...) um pouco mais, em cada porrada. Meu olho compreende cada vez mais. Pode ser útil, mas gosto assim, aqui, no meio de todos os sacos de lixo que a greve dos lixeiros deixou amontoados pela cidade (as escadarias do Teatro Municipal estão cheias, o que acho muito expressivo). E resisto. Gosto de

mim assim, e mesmo que não houvesse mais, só por isso. Por resistir. Quando o mais coerente seria estar talvez numa clínica psiquiátrica.

Ai, que fel! Porra, corta.

Consegui férias, de 15 de maio a 15 de junho. Acho que vou para Olinda, escrever. Estou precisando desesperadamente escrever. Comecei um negócio muito ambicioso, e decidi que vou em frente, de qualquer jeito. É quase trágico, às vezes, sentir que sacrifico a literatura em função do trabalho jornalístico, para sobreviver.

Mas concluí que talvez justamente esse seja o grande desafio da minha vida. E vamos lá. Adoro desafios. De Portinho, não sinto saudade alguma. Só do ar, de alguns pores-do-sol, dos verdes. E das pessoas.

Quando posso, vou ao cinema. E todo filme que vejo lembro do cinemaníaco Roberto. Vi, entre outras coisas boas, *Uma mulher descasada* (você vai amar), *Amargo regresso*, *A fúria* (um daqueles Brian de Palma medonhos), *O céu pode esperar* e, numa sessão especial, 25 (aquele filme do Zé Celso Martinez, sobre Moçambique), durante um happening louco de reabertura do Oficina. Teatro aqui, coisa cansada e pouca. Gostei de *Nó cego*, do Vereza, e este fim de semana vou ao Rio assistir *Lola Moreno*.

Faz frio. Parece agosto no Sul. Liguei pra casa hoje, e fiquei tão comovido com a voz de minha irmã que de repente não tive o que dizer e desliguei.

Qualquer coisa que ocê precisar, prenda o grito, chê. Dentro das minhas limitações, tô aqui mesmo. De cabeça, envio o que tenho de bom pra equipe. E beijos, muitos beijos.

Seu amigo

Caio

PS — Beijos pra Luizar, Guto e, quando cruzar, Tuio Becker, de quem gosto muito.

## Carta 8

“Talvez o caos e o acaso sejam a ordem natural das coisas.”  
Jonathan Coe

Carta para José Marcio Penido

Porto, 22. 12. 79

Zézim,

cheguei hoje de tardezinha da praia, fiquei lá uns cinco dias, completamente só (ótimo!), e encontrei tua carta. Esses dias que tô aqui, dez, e já parece um mês, não paro de pensar em você. Tou preocupado, Zézim, e quero te falar disso. Fica quieto e ouve, ou lê, você deve estar cheio de vibrações adéliopradianas e, portanto, todo atento aos pequenos mistérios. É carta longa, vai te preparando, porque eu já me preparei por aqui com uma xícara de chá Mu, almofada sob a bunda e um maço de Galaxy, a decisão pseudo-inteligente.

Seguinte, das poucas linhas da tua carta, DOZE frases terminam com ponto de interrogação. São, portanto, perguntas. Respondo a algumas. A solução, concordo, não está na temperança. Nunca esteve nem-vai estar. Sempre achei que os dois tipos mais fascinantes de pessoas são as putas e os santos, e ambos são inteiramente destemperados, certo? Não há que abster-se: há que



comer desse banquete. Zézim, ninguém te ensinará os caminhos. Ninguém me ensinará os caminhos. Ninguém nunca me ensinou caminho nenhum, nem a você, suspeito. Avanço às cegas. Não há caminhos a serem ensinados, nem aprendidos. Na verdade, não há caminhos. E lembrei duns versos dum poeta peruano (será Vallejo? não estou certo):

“Caminante, no hay caminos. Pero el camino se hace al andar”.

Mais: já pensei, sim, se Deus pifar. E pifará, pifará porque você diz “Deus é minha última esperança”. Zézim, eu te quero tanto, não me ache insuportavelmente pretensioso dizendo essas coisas, mas ocê parece cabeça dura demais. Zézim, não há última esperança a não ser a morte. Quem procura não acha. É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado. Tudo é maya/ilusão. Ou samsara/ círculo-vicioso.

Certo, eu li demais zen-budismo, eu fiz yoga demais, eu tenho essa coisa de ficar mexendo com a magia, eu li demais Krishnamurti, sabia? E também Allan Watts, e D.T. Suzuki, e isso frequentemente parece um pouco ridículo às pessoas. Mas dessas coisas, acho que tirei pra meu gasto pessoal pelo menos uma certa tranquilidade.

Você me pergunta: que que eu faço? Não faça, eu digo. Não faça nada, fazendo tudo, acordando todo dia,

passando café, arrumando a cama, dando uma volta na quadra, ouvindo um som, alimentando a Pobre. Você tá ansioso e isso é muito pouco religioso Pasmé: acho que você é muito pouco religioso. Mesmo. Você deixou de queimar fumo e foi procurar Deus. Que é isso? Tá substituindo a maconha por Jesuzinho? Zézim, vou te falar um lugar-comum desprezível, agora, lá vai: você não vai encontrar caminho nenhum fora de você. E você sabe disso. O caminho é in, não off. Você não vai encontrá-lo em Deus nem na maconha, nem mudando pra Nova York, nem...

Você quer escrever. Certo, mas você quer escrever? Ou todo mundo te cobra e você acha que tem que escrever? Sei que não é simplório assim, e tem mil coisas outras envolvidas nisso. Mas de repente você pode estar confuso porque fica todo mundo te cobrando, como é que é, e a sua obra? cadê o romance, quedê a novela, quedê a peça teatral?

DANEM-SE, demônios. Zézim, você só tem que escrever se isso vier de dentro pra fora, caso contrário não vai prestar, eu tenho certeza, você poderá enganar a alguns, mas não enganaria a si e, portanto, não preencheria esse oco. Não tem demônio nenhum se interpondo entre você e a máquina. O que tem é uma questão de honestidade básica. Essa perguntinha: você quer mes escrever? Isolando as cobranças, você continua querendo? Então vai, remexe fundo, como diz um poeta gaúcho, Gabriel de

Britto Velho, “apaga o cigarro no peito! diz pra ti o que não gostas de ouvir/ diz tudo”. Isso é escrever. Tira sangue com as unhas. E não importa a forma, não importa a “função social”, nem nada, não importa que, a princípio, seja apenas uma espécie de auto-exorcismo. Mas tem que sangrar a-bundan-te-men-te.

Você não está com medo dessa entrega? Porque dói, dói, dói. É de uma solidão assustadora. A única recompensa é aquilo que Laing diz que é a única coisa que pode nos salvar da loucura, do suicídio, da auto-anulação: um sentimento de glória interior. Essa expressão é fundamental na minha vida.

Eu conheci razoavelmente bem Clarice Lispector. Ela era infelicíssima, Zézim. A primeira vez que conversamos eu chorei depois a noite inteira, porque ela inteirinha me doía, porque parecia se doer também, de tanta compreensão sangrada de tudo. Te falo nela porque Clarice, pra mim, é o que mais conheço de GRANDIOSO, literariamente falando. E morreu sozinha, sacaneada, desamada, incompreendida, com fama de “meio doida”. Porque se entregou completamente ao seu trabalho de criar. Mergulhou na sua própria trip e foi inventando caminhos, na maior solidão. Como Joyce. Como Kafka, louco e só lá em Praga. Como Van Gogh. Como Artraud. Ou Rimbaud.

É esse tipo de criador que você quer ser? Então entregue-se e pague o preço do pato. Que, frequentemente, é muito

caro. Ou você quer fazer uma coisa bemfeitinha pra ser lançada com salgadinhos e uísque suspeito numa tarde amena na Cultura, com todo mundo conhecido fazendo a maior festa? Eu acho que não. Eu conheci/conheço muita gente assim. E não dou um tostão por eles todos. A você, eu amo. Raramente me engano.

Zézim, remexa na memória, na infância, nos sonhos, nas tesões, nos fracassos, nas mágoas, nos delírios mais alucinados, nas esperanças mais descabidas, na fantasia mais desgalopada, nas vontades mais homicidas, no mais aparentemente inconfessável, nas culpas mais terríveis, nos lirismos mais idiotas, na confusão mais generalizada, no fundo do poço sem fundo do inconsciente: é lá que está o seu texto. Sobretudo, não se angustie procurando-o: ele vem até você, quando você e ele estiverem prontos. Cada um tem seus processos, você precisa entender os seus. De repente, isso que parece ser uma dificuldade enorme pode estar sendo simplesmente o processo de gestação do sub ou do in-consciente.

E ler, ler é alimento de quem escreve. Várias vezes você me disse que não conseguia mais ler. Que não gostava mais de ler. Se não gostar de ler, como vai gostar de escrever? Ou escreva então para destruir o texto, mas alimente-se. Fartamente. Depois vomite. Pra mim, e isso pode ser muito pessoal, escrever é enfiar um dedo na garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o momento

decisivo é o dedo na garganta. E eu acho — e posso estar enganado — que é isso que você não tá conseguindo fazer. Como é que é? Vai ficar com essa náusea seca a vida toda? E não fique esperando que alguém faça isso por você. Ocê sabe, na hora do porre brabo, não há nenhum dedo alheio disposto a entrar na garganta da gente.

Ou então vá fazer análise. Falo sério. Ou natação. Ou dança moderna. Ou macrobiótica radical. Qualquer coisa que te cuide da cabeça ou/e do corpo e, ao mesmo tempo, te distraia dessa obsessão. Até que ela se resolva, no braço ou por si mesma, não importa. Só não quero te ver assim engasgado, meu amigo querido.

Pausa.

Quanto a mim, te falava desses dias na praia. Pois olha, acordava às 6, 7 da manhã, ia pra praia, corria uns quatro quilômetros, fazia exercícios, lá pelas 10 voltava, ia cozinhar meu arroz. Comia, descansava um pouco, depois sentava e escrevia. Ficava exausto. Fiquei exausto. Passei os dias falando sozinho, mergulhado num texto, consegui arrancá-lo. Era um farrapo que tinha me nascido em setembro, em Sampa. Aí nasceu, sem que eu planejasse. Estava pronto na minha cabeça. Chama-se Morangos mofados, vai levar uma epígrafe de Lennon & McCartney, tô aqui com a letra de Strawberry fields forever pra traduzir.

Zézim, eu acho que tá tão bom. Fiquei completamente cego enquanto escrevia, a personagem (um publicitário,

ex-hippie, que cisma que tem câncer na alma, ou uma lesão no cérebro provocada por excessos de drogas, em velhos carnavais, e o sintoma — real — é um persistente gosto de morangos mofados na boca) tomou o freio nos dentes e se recusou a morrer ou a enlouquecer no fim. Tem um fim lindo, positivo, alegre. Eu fiquei besta. O fim se meteu no texto e não admitiu que eu interferisse.

Tão estranho. Às vezes penso que, quando escrevo, sou apenas um canaltransmissor, digamos assim, entre duas coisas totalmente alheias a mim, não sei se você entende. Um canal-transmissor com um certo poder, ou capacidade, seletivo, sei lá.

Hoje pela manhã não fui à praia e dei o conto por concluído, já acho que na quarta versão. Mas vou deixá-lo dormir pelo menos um mês, aí releio — porque sempre posso estar enganado, e os meus olhos de agora serem incapazes de verem certas coisas. Aí tomei notas, muitas notas, pra outras coisas. A cabeça ferve. Que bom, Zézim, que bom, a coisa não morreu, e é só isso que eu quero, vou pedir demissão de todos os empregos pela vida afora quando sentir que isso, a literatura, que é só o que tenho, estiver sendo ameaçada — como estava, na Nova.

E li. Descobri que ADORO DALTON TREVISAN. Menino, fiquei dando gritos enquanto lia *A faca no coração*, tem uns contos incríveis, e tão absolutamente lapidados, reduzidos ao essencial cintilante, sobretudo um, chamado *Mulher em*

*chamas*. Li quase todo o Ivan Angelo, também gosto muito, principalmente de *O verdadeiro filho da puta*, mas aí o conto-título começou a me dar sono e parei. Mas ele tem um texto, ah se tem. E como.

Mas o melhor que li nesses dias não foi ficção. Foi um pequeno artigo de Nirlando Beirão na última IstoÉ (do dia 19 de dezembro, please, leia), chamado *O recomeço do sonho*. Li várias vezes. Na primeira, chorei de pura emoção — porque ele reabilita todas as vivências que eu tive nesta década. Claro que ele fala de uma geração inteira, mas daí saquei, meu Deus, como sou típico, como sou estereótipo da minha geração. Termina com uma alegria total: reinstaurando o sonho. É lindo demais. E atrevido demais. É novo, sadio. Deu uma luz na minha cabeça, sabe quando a coisa te ilumina? Assim como se ele formulasse o que eu, confusamente, estava apenas tateando. Leia, me diga o que acha. Eu não me segurei e escrevi uma carta a ele dizendo isso. Não sou amigo dele, só conhecido, mas acho que a gente deve dizer.

Escrevendo, eu falo pra caralho, não é?

Aqui em casa tá bom. É sempre um grande astral, não adianta eu criticar. O astral ótimo deles independe da opinião que eu possa ter a respeito, não é fantástico? A casa tá meio em obras, Nair mandou construir uma espécie de jardim de inverno nos fundos, vai ligar com a sala. Hoje estava puta porque o Felipe não vai mais fazer vestibular:

foi reprovado novamente no 3º colegial. Minha irmã Cláudia ganhou uma Caloi 10 de Natal do noivo (Jorge, lembra?), e eu me apossei dela e hoje mesmo dei voltas incríveis pelo Menino Deus. Márcia tá bonita, mais adultinha, assim com um ar meio da Mila. Zaél cozinhando, hoje faz arroz com passas para o jantar.

Povos outros, nem vi. Soube que *A comunidade* está em cartaz ainda e tenho granas pra receber. Amanhã acho que vou lá.

Tô tão só, Zézim. Tão eu-eu-comigo, porque o meu eu com a família é meio de raspão. Tá bom assim, não tenho mais medo nenhum de nenhuma emoção ou fantasia minha, sabe como? Os dias de solidão total na praia foram principalmente sadios.

Ocê viu a *Nova*? Tá lá o seu Chico, tartamudeante, e uma foto muito engraçada de toda a redação — eu com cara de “não me comprometam, não tenho nada a ver com isso”. Dê uma olhada. Falar nisso, Juan passou por aqui, eu tava na praia, falou com Nair por telefone, estava descendo de um ônibus e subindo noutro. Deixou dito que volta dia 3 de janeiro ou fevereiro, Nair não lembra, pra ficar uns dias. Ficar? E nada acontecerá, Uma vez me disseram que eu jamais amaria dum jeito que “desse certo”, caso contrário deixaria de escrever. Pode ser. Pequenas magias. Quando terminei Morangos mofados, escrevi embaixo, sem querer, “criação é coisa sagrada”. É mais ou menos o que diz o

Chico no fim daquela matéria. É misterioso, sagrado, maravilhoso.

Zézim, me dê notícias, muitas, e rápido. Eu não pensei que ia sentir tanta falta docê. Não sei quanto tempo ainda fico, mas vou ficando. Quero escrever mais, voltar à praia, fazer os documentos todos. Até pensei: mais adiante, quando já estivesse chegando a hora de eu voltar, você não queria vir? A gente faria o mesmo esquema de novo, voltaríamos juntos. A família te ama perdidamente, hoje pintaram até uns salseirinhos rápidos porque todo mundo queria ler a matéria do Chico ao mesmo tempo.

“Let me take you down cause I’m going to strawberry fields nothing is real, and nothing to get hung about strawberry fields forever strawberry fields forever strawberry fields forever”.

Isso é o que te desejo na nova década. Zézim, vamos lá. Sem últimas esperanças. Temos esperanças novinhas em folha, todos os dias. E nenhuma, fora de viver cada vez mais plenamente, mais confortáveis dentro do que a gente, sem culpa, é. Let me take you: I’m going to strawberry fields.

Me conta da Adélia.

E te cuida, por favor, te cuida bem. Qualquer poço mais escuro, disque 0512-33-41-97. Eu posso pelo menos ouvir. Não leve a mal alguma dureza dita. E porque te quero

claro. Citando Guilherme Arantes, pra terminar: “Eu quero te ver com saúde/ sempre de bom-humor/ e de boa-vontade.”

Um beijo do

Caio

PS — Abraço pro Nello, Pra Ana Matos, e Niño também.

## Carta 9

“No fundo sou sozinha. Há verdade que nem a Deus eu contei. E nem a mim mesma. Sou um segredo fechado a sete chaves. Por favor, me poupe.”  
Clarice Lispector

Carta para Luciano Alabarse

Sampa, 1º de agosto de 1984.

Luciano, querido,

estou ouvindo “quero falar de uma coisa/adivinha onde ela anda/deve estar dentro do peito/ ou caminha pelo ar”. São quase seis horas da tarde — “pode estar aqui do lado bem mais perto que pensamos” — fico arrepiado quando escuto. Saí há pouco no pátio, molhei as plantas. Depois fui tomar um café debruçado no portão da rua. Tem um pôr-do-sol todo rosa, com uma lua crescente (em Libra). Aí de repente me senti tão bem — é um privilégio morar em SP e poder fazer essas pequenas coisas. Podia estar enfiado numa quitinete na São João.

Tua carta me fez muito bem. E muito mal. Compreendo tudo que você diz. São coisas que me digo, também. Mas há uma diferença entre você saber intelectualmente da inutilidade das procuras, da insaciabilidade — vixe, que palavra! — do corpo e conseguir passar isso para o seu

comportamento — tomar ato o que é pensamento abstrato. Os caminhos são individuais/intransferíveis.

Meu problema maior é minha própria moral — ou a que adquiri através da educação, da sociedade, não importa. Meu problema é que tenho dentro de mim, muito claros, os conceitos de “moral” e “imoral”.

E que cada “imoralidade” que cometo me deixa um saldo enorme de culpa, de amargura, de sofrimento. Vide Marilena Chauí, Repressão sexual. Pois é. Não encontrei Deus ainda, como você. Ele não veio até mim — e digo isso lembrando de um provérbio zen: “Quando o discípulo está preparado, o Mestre vem a ele”. Ainda não veio. Ainda não estou preparado.

Mas estou mais tranqüilo. E percebendo coisas: voltei para Sampa muito alegriinho, muito na-boa, muito tudo-vai-rolar. A memória da gente é safada: elimina o amargo, a peneira só deixa passar o doce. Então eu tinha esquecido que esta cidade te cobra preços altos. Ela é uma mulher (ou um homem) belíssima (o) que se oferece, tentador (a), como se amasse, te envolve, te seduz — e na hora em que você não suporta mais de tesão e faria qualquer negócio, ela (e) te diz o preço. Que é muito alto.

A semana passada mergulhei na revisão de *O ovo apunhalado* — que está me fazendo bem, estou quase no fim. Emoções loucas ao mergulhar em textos escritos há mais de 10 anos: reintegra. Reescrevi algumas coisas.

Critiquei muitas: há uma atitude de fazer-literatura que não gosto. Mas me fez bem, bem demais.

E decidi me poupar mais. Tem sido difícil. E não sei se há recompensa. Talvez, quem sabe, me sentir melhor comigo mesmo. Um I-Ching me aconselha a “limitação”: um lago não deve querer transbordar de seus limites.

Andei com problemas graves de grana — ontem Nello precisou me emprestar para o aluguel. Tudo bem, porque granas da TV e da editora (naquela linha: a sair) devem melhorar as coisas um pouco. Mas a longo prazo tenho medo. A crise finalmente chegou, e é bem nítida. As pessoas em volta, os amigos, todos na mesma situação. Num país doente como o nosso, de que forma preservar um mínimo de saúde?

Sinto falta daí. Me digo que na verdade sinto falta do colo, do conforto, do útero. E que devo ficar por aqui. Então tenho que ser forte, tenho que me exercitar em autocontrole. Claro que me pergunto pra-quê? — e claro que não tenho resposta. Mas vou atravessando os dias, a casa muito vazia (Grace só vem dia 8), às vezes dói. Nos últimos dias, além de trabalhar, cozinho, faço pequenas coisas. E atravesso os dias, um pouco opaco, com breves iluminações — como há pouco, no portão, olhando o céu. Passa um avião. Estou cheio de fé neste agosto.

Meus trânsitos astrológicos estão ótimos. Julho tinha muitos maus aspectos do Sol e o final de uma oposição

Netuno-Urano: desorganização mental e física. Não lembro se te falei: um moço de Brasília quer que eu adapte o Pela noite para teatro. Fiquei a princípio surpreso, depois muito entusiasmado. Estou cheio de idéias. Ele se dispõe a chamar um diretor do Rio ou SP — falou em Domingos Oliveira, ou Fauzi Arap, ou Flávio Rangel — para dirigir.

Fiquei preocupado com o acidente de La Anagnostopoulos — grave, ainda mais que a saúde dela não é boa. Dá um beijo nela, faz um carinho nela.

Obrigado pelas tuas palavras. Obrigado pela tua presença.

Te quero sempre bem. Um beijo do

Caio F



## Carta 10

“Se te contentas com os frutos ainda verdes, toma-os, leva-os, quantos quiseres. Se o que desejas, no entanto, são os mais saborosos, maduros, bonitos e suculentos, deverás ter paciência. Senta-te sem ansiedades. Acalma-te, ama, perdoa, renuncia, medita e guarda silêncio. Aguarda. Os frutos vão amadurecer.”  
Hermógenes de Tarso

Carta para Adelaide Amaral

Sampa, 29 de outubro de 1984.

Levinha do Amaral,

pois eis-me aqui, na segunda-feira perto do meio-dia, procurando papel branco para te escrever, sem achar (de chique a revista só tem o visual — cilada absoluta: salários baixíssimos e usura no material de redação). Fiquei todo abalado com o teu *De braços abertos*.

Fiquei com perguntas assim: será que isso que a gente chama de amor se passa sempre fatalmente em dois níveis? O da fantasia, da emoção real, poética — e o da realidade que descamba para a agressividade, para a dureza? Por que, na segunda-feira, eles (nós) não revelam a carência do fim de semana e se dizem coisas duras? Realmente, por que, afinal? Se não seria mais fácil se a verdade pudesse fluir? Um pouco mais além: mas será que

a verdade poderia mesmo fluir? Será que verdade e fluência não se opõem, contrapõem? E coisas como: amor existe mesmo? Ou só existe o permanecer de braços abertos, como no sonho de Luisa (esse sonho podia perfeitamente ser meu), pronto(a) a receber alguém que nem sequer chega a tomar forma? E quando alguém, no plano real, toma forma, a gente imediatamente projeta toda aquela emoção presa na garganta do sonho.

E fatalmente se fode, porque está tentando adequar/ajustar um arquétipo, uma imagem de toda a nossa infinita carência, nossa assustadora sede, a uma realidadezinha infinitamente inferior.

Eu não sei. Estou te escrevendo querendo dizer uma porção de coisas que não sei se vou conseguir. Não sei se tem sentido dizer que *De braços abertos* é a tua melhor peça. Mas se tem, digo: é perfeita, é quase inacreditável ver como você consegue ser emocional sem ser babaca, política sem ser panfletária, sensual sem ser grossa, culta sem ser pedante, elegante sem ser fresca. Como você consegue a medida exata da sutileza — como se o teu texto se movimentasse naquela região estreita, delicadíssima, do que a gente poderia chamar de fímbria. Nas fímbrias entre o desespero e a fé, entre o amor e o ódio, a luz e a treva e todos os opostos. É lindo e poderoso. Digo que não sei se tem sentido falar nisso porque acho talvez mais importante falar no que o espetáculo te deixa revolvido por dentro, no que ele

provoca, atíça e traz à tona. Dá vontade de amar. De amar de um jeito “certo”, que a gente não tem a menor idéia de qual poderia ser, se é que existe um.

E há o perdão na coisa toda: você não julga ninguém. Mesmo Bernadete ou Mário soam simpáticos, humanos. Há um grande gesto de bondade sua, de compreensão, se derramando sobre todas as personagens. Aí me lembra John Fante, do *Pergunte ao pó*, que foi o único livro que me fez chorar nos últimos anos. Como a tua peça também me fez. Chorar de compreensão meio estúpida pela perdição humana, pela nossa fragmentação, pelas nossas tentativas frequentemente tão inábeis, mas tão sinceras também, de “acertar”, de fazer as coisas “do melhor jeito”: Aí volto às fímbrias de que eu falava. Dei um soluço bandeiroso na hora em que ele fala “sabe o que eu faço aos sábados? vejo televisão e como pizza”.

Não sei se consigo te passar tudo que sinto. E vem misturado com a minha vida, com as minhas pequenas coisas dos últimos tempos.

Há quase dois meses, menos, vi a morte — e isso mudou muita coisa em mim. Está mudando. Teria que te contar devagar, com calma, como foi a história toda de ter que vestir o cadáver da mãe morta do Reinaldinho Moraes, quando eu nunca tinha visto aquilo de perto. Eu descobri que a gente morre. Eu sei agora que a gente morre. E achei feio, achei tristésimo, achei o corpo humano tão

frágil, tão perecível. Fiquei doente, estou fraco, frágil, choro pelos cantos. Voltei à terapia, estou remexendo coisas fundas, dolorosas, meio perdido, com uns problemas difíceis, materiais, de grana, de saúde, de solidão. E escolhendo não morrer, escolhendo continuar, de uma forma ainda meio cega, tortuosa, não-racional.

Porque chega uma hora em que você tem que escolher a vida. Eu talvez não saiba bem ainda o que isso significa, mas é claro para mim que a hora dessa escolha é agora, está acontecendo. Então ver *De braços abertos* foi outra peça que encaixou nesse quebra-cabeças cujo desenho geral mal começo a intuir. Porque ela te puxa para o lado da vida, e que não é um lado facilmente ensolarado, luminoso, leve & solto. Vou falar o óbvio de Eros e Thanatos, mas o impulso para amar, para encontrar e conhecer e mergulhar no outro, é o que nos traz para perto da vida. E é por isso que quando se está de braços abertos, se está dando as costas para a morte. Ou deixando, calmamente, tão calmamente quanto possível, que ela venha a seu tempo — porque fatalmente virá.

O que acontece comigo é que eu tinha andado de braços fechados. Sem perceber. Analisando meus sonhos, ultimamente, isso tem ficado tão claro. E eu não quero mais. Ainda não sei como chegar lá, mas você me ajudou muito ontem à noite. Eu quase não conseguia falar, depois. E nem era preciso.

Acho que você está dando coisas lindas para as pessoas. Lindas com todos os componentes de dificuldades, e dores, e procuras, e tentativas, e perdições. Lindas fortes, não lindas-fáceis. Sinto uma grande admiração por você e um grande orgulho de poder me considerar seu amigo.

Obrigado. Um beijo muito grande e com muito carinho.

Seu

Caio F.